

"DIRÉ TAMBIÉN ALGUNA COSA DE LAS QUE NO HE VISTO, A FIN DE QUE SE SEPA LAS QUE HAN EXISTIDO": AS POPULAÇÕES INDÍGENAS EM "VIAJES POR LA AMERICA MERIDIONAL", DE FELIX DE AZARA (1809).

Eliane Cristina Deckmann Fleck<sup>1</sup>  
Elisa Fauth da Motta<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo, apresentamos a análise do Tomo II da obra "*Viajes por la America meridional*", escrita pelo engenheiro militar espanhol Felix de Azara e publicada em 1809, no qual o engenheiro espanhol faz descrições das populações indígenas da região platina, tanto daquelas com as quais teve contato direto, quanto daquelas a que teve acesso somente através de informantes. Detemo-nos, especialmente, nas descrições e avaliações sobre certas práticas indígenas, inserindo-as em seu contexto de produção – fortemente marcado pelo pensamento ilustrado e pela reorientação da política imperial espanhola –, e analisando-as à luz da produção historiográfica e antropológica sobre as populações indígenas da América platina.

**Palavras-chave:** Felix de Azara – América platina – Populações Indígenas

### Resumen

Este artículo, presentamos la análisis del Tomo II de la obra "*Viajes por la America meridional*", escrita por el ingeniero militar español Felix de Azara y publicada en 1809, en el cuál el ingeniero español hace descripciones de las poblaciones indígenas de la región platina, tanto de aquellas con las cuales tuve contacto directo, cuanto de aquellas a las que tuvo acceso solamente a través de informantes. Nos detenemos, especialmente, en las descripciones y evaluaciones sobre ciertas prácticas indígenas, insertándolas en su contexto de producción – fuertemente marcado por el pensamiento ilustrado y por la reorientación de la política imperial española –, y analizándolas a la luz de la producción historiográfica y antropológica sobre las poblaciones indígenas de América platina.

**Palabras-clave:** Felix de Azara – América platina – Poblaciones Indígenas

### À guisa de introdução

Nascido em 1746, em Barbuñales, Don Félix de Azara era de família abastada e, ainda jovem, ingressou na Universidad de Huesca, na qual "emprendió sus estudios de Filosofía y Artes (dos años) y de Leyes (...) estudios que tuvieron poco que ver con su desempeño posterior en historia natural o en topografía militar" (MARTÍNEZ RICA, 2008, p. 118). Ao completar seus estudos, mudou-se para Barcelona, onde cursou engenharia na

<sup>1\*</sup> Doutora em História (PUCRS), Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS (São Leopoldo, RS), pesquisadora do CNPq (PQ 2) e integrante dos Grupos de Pesquisa-CNPq "*Jesuítas nas Américas*" e "*Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano*". E-mail: [ecdfleck@terra.com.br](mailto:ecdfleck@terra.com.br)

<sup>2\*\*</sup> Graduanda do Curso de História da UNISINOS, atuou como bolsista de IC (UNIBIC), de março de 2013 a junho de 2014, junto ao projeto "*A ciência por escrito, ideias em movimento: um estudo de obras e de trajetórias de naturalistas e de médicos (América meridional, séculos XVIII, XIX e XX)*", coordenado pela Profª Drª Eliane C. D. Fleck, desenvolvendo o subprojeto "*O naturalista Felix de Azara: uma análise de sua trajetória intelectual*".

Academia militar, sendo que “El 3 de noviembre de 1767 fue nombrado alférez en el Cuerpo de los Ingenieros, y el 28 de septiembre de 1775 fue promovido al grado de teniente” (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 11).<sup>3</sup>

Ao final do século XVIII, o jovem engenheiro “fue uno de los escogidos por la Corte de Madrid y se le agregó al Cuerpo de Marina, en calidad de teniente coronel de Ingenieros” (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 12), para participar das demarcações do Tratado de Santo Ildefonso.<sup>4</sup> Assim, Azara desembarcou na América alguns anos depois da criação *del Virreinato Del Río de la Plata*,<sup>5</sup> atendendo a uma das medidas que integravam o conjunto das Reformas Bourbonônicas,<sup>6</sup> tendo sido incumbido de realizar demarcações do território, juntamente com a comitiva portuguesa, para a elaboração de mapas da região. Entretanto,

Sobre los ingenieros gravitó siempre su primigenia labor de descripción territorial, sobre todo en los que pasaban en funciones hacia América. La Ordenanza de 1768 prescribía el envío de informes, planos, descripciones y proyectos vinculados a los recursos humanos y naturales de los territorios que inspeccionaran. En consecuencia los ingenieros, más allá de su depurada formación, no estaban instruidos en las teorías y los métodos de la Historia natural (FÁBIAN FIGUEROA, 2011, p. 6).

O interesse do Rei em receber informações sobre os territórios além-mar não eram, contudo, resultado de seu interesse científico. Num período em que as fronteiras eram demarcadas através de sua ocupação,<sup>7</sup> era importante demonstrar que os soberanos

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que, neste artigo, nos valem da versão da obra *Viajes por la América meridional*, que foi publicada pela editora argentina El Elefante Blanco, em 1998. O texto do primeiro tomo é antecedido por uma breve biografia, intitulada *Noticia de la vida y escritos de D. Félix de Azara*, e, por outro, referido como *Piezas justificativas*, que se constitui de cartas enviadas em 1809 para o editor da primeira edição.

<sup>4</sup> O Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1777, entre a Coroa Espanhola e Portuguesa, buscava acabar com os problemas de definição de fronteiras nas colônias americanas, após o fracasso do Tratado de Madri em 1750, que determinava “el cambio de Sete Povos, que pertenecería a Portugal, por Sacramento, que le correspondería a España, y utilizaba los principios del *uti possidetis* (la tierra pertenece a quien la ocupa) y los límites naturales (ríos y canales) para demarcar las demás fronteras, garantizando así el dominio de Portugal sobre gran parte de la cuenca amazónica y a España el total control de la cuenca del Plata” (TORRES, 2003, p. 186), alterando o domínio dos territórios que haviam sido demarcados pelo Tratado de Tordesilhas três séculos antes. O Tratado de Santo Ildefonso, por sua vez, “previa que à Espanha caberia a Colônia do Sacramento e toda a Banda Oriental do Uruguai, incluindo o território das Missões Orientais. Portugal, por sua vez, garantia sua soberania sobre o Rio Grande e adjacências, passando o limite fronteiriço pelo rio Jacuí” (CAMARGO, 2003, p.236). Essa nova demarcação também criava os “campos neutrais”, que, segundo Elisa Garcia (2011), se constituíam de regiões em que nenhum dos dois Impérios teria jurisdição.

<sup>5</sup> “Entre las medidas que la Corona adoptó para tener un mejor control de sus territorios coloniales, una fue la constitución del Virreinato del Río de la Plata, por razones militares antes que económicas. A partir de este hecho, comenzó a producirse algún tipo de crecimiento económico, fundamentalmente centrado en la economía ganadera” (TERÁN, 2012, p. 17).

<sup>6</sup> De acordo com Oscar Terán, juntamente com as medidas econômicas e administrativas da Reforma Bourbonônica, que previam reformar o sistema colonial espanhol, estavam sendo introduzidas ideias da filosofia da Ilustração. A Coroa, então, “apelan al criterio de lo que conocemos como el despotismo ilustrado, es decir, a una política que acentúa las tendencias centralizadoras del absolutismo y apuesta a una modernización desde arriba, una suerte de revolución pasiva, es decir, una transformación dirigida desde el estado sobre la base de la pasividad de la sociedad” (TERÁN, 2012, p. 16).

<sup>7</sup> Nas *Noticias*, Walckenaueer conta que Azara teria ajudado o governo a transferir um “gran número de familias españolas” para as “fronteras del Brasil”, com o intuito de “defensa y conservación de sesenta leguas de costas, de que los portugueses se hubieran apoderado porque estaban incultas” (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 26-27).

tinham conhecimento das regiões do Império e que existiam projetos que previam a criação de vilas e o desenvolvimento econômico. Estes relatos tinham, portanto, como objetivo

legitimar seus projetos de expansão militar, diplomática e produtiva, em empresas que buscavam aperfeiçoar o conhecimento ilustrado, destinadas a constituir um conhecimento universal sobre o planeta, suas espécies vegetais e animais e suas sociedades e culturas (PAREDES, 2013, p. 96).

Como destaca Lía Quarleri, ao final do século XVIII, o interesse não estava mais em localizar minas e “riquezas ocultas”, como nas expedições realizadas durante o Tratado de Madri, mas reorganizar as populações indígenas, encontrar meios de controlar rebeliões internas nos territórios e comercializar os produtos da região. Inseridas neste contexto, as partidas demarcatórias “se transformaron en empresas de expedición y reconocimiento con fines políticos, económicos, científicos y militares” (QUARLERI, 2011, p. 760).

Mas a despeito de sua formação em matemática e engenharia, Azara dedicou-se à escrita de obras sobre a fauna e a flora da região, além de nos legar descrições geográficas da região platina e das populações nativas americanas.<sup>8</sup> Dentre suas produções,<sup>9</sup> “*Viajes por la America meridional*”, publicada em 1809,<sup>10</sup> é a obra que mais destaque dá aos grupos indígenas, razão pela qual nos deteremos nela neste artigo.

Desde luego vi que lo que me convenía mi profesión y circunstancias era acopiar elementos para hacer una buena carta ó mapa, sin omitir lo que pudiera ilustrar la geografía física, la historia natural de las aves y cuadrúpedos y finalmente lo que pudiera conducir al perfecto conocimiento del país y sus habitantes (AZARA apud GONZÁLEZ, 1943, p. 26).

<sup>8</sup> É preciso considerar que Azara era um europeu ilustrado do final do século XVIII, cujas concepções incidiriam sobre as avaliações que fez das populações indígenas e da natureza americana, evidenciadas, por exemplo, na recriminação explícita à poligamia indígena e à prática do aborto.

<sup>9</sup> Dentre as obras publicadas por Azara, as que tiveram maior destaque foram “La geografía física y esférica del Paraguay y Misiones de Guaraníes” (original escrito em 1790, publicada posteriormente por Rodolfo R. Schüller, em 1904), Memória sobre el estado rural del Río de la Plata y otros informes” (1904), “Viajes por la América meridional” (1809) e “Descripción e Historia del Paraguay y el Río de la Plata” (1847, publicada por seu sobrinho). Além de informes sobre uma possível colonização do Chaco e diários de navegação; de acordo com González. É interessante observar que as obras de Azara não foram todas publicadas no mesmo momento. *Apuntamientos para la historia natural de los pájaros del Paraguay y Río de la Plata*, teve sua publicação entre os anos de 1802 e 1805, sendo que seus três tomos foram publicados separadamente, de acordo com González; já *Apuntamientos para la historia natural de los Cuadrúpedos del Paraguay y Río de la Plata*, considerada o grande estudo de investigação empreendido pelo engenheiro, também foi publicada em 1802.

<sup>10</sup> O interesse nas produções de Azara não se extinguiu após sua morte em 1821. D. Agustín de Azara, sobrinho de Félix Azara, publicou em Madri, no ano de 1847, a obra *Félix de Azara y sus Memorias póstumas sobre asuntos del Río de la Plata y del Paraguay*, período em que também foram lançados o *Diário de Navegación del Tebicuray*, *Memoria rural del Río de la Plata e Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata*. O reconhecimento do valor das investigações realizadas por Azara e o conseqüente interesse em editar suas obras inéditas persistiu até o final do século XIX, com *Viajes inéditos*, de 1873; e, até o início do século XX, quando R. R. Schuller publicou *Geografía física y esférica de las provincias del Paraguay y Misiones de Guaraní*, que, segundo González, havia sido escrita em 1790, em Assunção.

É com estas palavras que, segundo Júlio César González, um de seus biógrafos, Félix de Azara explica os motivos que o levaram a observar plantas e animais<sup>11</sup> e a publicar suas obras que podemos enquadrar no gênero de História Natural.<sup>12</sup> As observações e viagens que realizou foram, em parte, favorecidas pelo atraso nas demarcações, como se constata nesta passagem:

veía que en lugar de trabajar por la fijación de los limites no querían más que prolongar dicha operación hasta el infinito, por sus dilatorias, consultas a la corte y pretextos fútiles y ridículos, para impedir la ejecución, pensé sacar el mejor partido posible del largo tiempo que me iban a proporcionar estos retardos (AZARA, 1998, p. 38).

Em carta escrita para o irmão D. José Nicolás, Azara chegou a manifestar seu descontentamento por se encontrar, “desterrado por veinte años de la civilización y de toda relación culta” (MARTÍNEZ RICA, 2008, p. 102). No entanto, a análise de suas obras revela que, durante este período, Azara teve contato com outros estudiosos americanos e se manteve atualizado em relação à produção científica europeia.

Em sua obra *Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paraguay y del Río de la Plata*, o engenheiro inicia suas considerações, informando que enviou este estudo para seu irmão “deseando saber si merecían algún aprecio mis tareas, [...] para que las hiciese ver por algún Naturalista” (AZARA, 1802, p. 19), com o intuito de que seus estudos fossem conhecidos por cientistas do período.

[...] en efecto dio a leer este tratado en París á un Profesor francés, muy conocido por sus talentos y por sus elevados empleos, llamado Mr. L. E. Moreau-Saint-Méri: el qual le traduxo y publicó en su idioma, sin que hubiesen podido tener lugar (por haber llegado tarde) mis encargos de que no se imprimiese hasta mi regreso de algunos viajes que iba á emprender (AZARA, 1802, p. 19).

Entusiasmado com os estudos realizados por Azara, o naturalista e filósofo francês Moreau-Saint-Méri<sup>13</sup> solicitou a José Nicolás autorização para publicar os *Quadrúpedos* na França. O empenho do naturalista na publicação do estudo de Azara parece não ser

<sup>11</sup> No tomo I de *Viajes*, Azara descreveu outras “espécies desconocidas de mamíferos que describió y que luego le han sido dedicadas” (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 28), tais como a *Canis Azarae*, uma espécie de raposa e, o *Didelphis Azarae*, uma espécie de gambá. Os dois tomos de *Viajes por la América meridional* foram publicados em 1809, mesmo ano de publicação de *Aves del Paraguay y del Río de la Plata*.

<sup>12</sup> O termo História Natural, aqui utilizado, se baseia nos estudos de Fabián Figueroa. Segundo o autor, esta denominação está associada ao estudo de plantas, animais, mineralogia, etc., através da prática de coleta (e análise) das espécies, que se tornou bastante popular após a descoberta do Novo Mundo. De acordo com Figueroa, inicialmente, os historiadores consideraram esta prática apenas como uma coleção de novas espécies. Entretanto, o estudo destas coleções auxilia na compreensão de que, para além de uma acumulação de espécies em gabinetes, elas favorecem o conhecimento das práticas utilizadas para coleta e exibição das mesmas (FABIÁN FIGUEROA, 2011).

<sup>13</sup> Médéric Louis Élie Moreau de Saint-Méry (1750–1819), foi um naturalista e diplomata francês que se dedicou aos estudos das colônias francesas na América. Escreveu a obra “Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie Française de L’isle Saint-Domingue”, publicada em 1798.

tributário exclusivamente do interesse na temática abordada, mas também da crescente valorização de narrativas produzidas por viajantes, que passaram a ser tidas como

más creíbles que los que habían pasado por ahí rápidamente, así como los que habían escrito sus informes inmediatamente después de sus viajes. [...] La credibilidad también estaba relacionada con la educación, la posición social y los intereses nacionales o personales que motivan el informe del autor (CAZAÑIRES ESGUERRA, 2007, p. 54).

*História natural de los Quadrúpedos* foi o primeiro estudo de Azara a ser publicado, mas em francês. Ao retornar à Europa, em 1801, ele fez questão de reeditar a obra, desta vez em espanhol, acrescentando informações que haviam faltado na primeira versão, publicada sem sua autorização. Nesta mesma obra, Azara critica abertamente o naturalista George-Luis Leclerc, o conde de Buffon, e suas teorias de inferioridade americana,<sup>14</sup> com as quais teve contato ao chegar a Buenos Aires: “Comencé á leer estos libros, creyendo serian los mejores del mundo; pues la fama había publicado ya por todo el orbe, que su Autor era un talento original, y el mayor Naturalista de su siglo y aun de los pasados” (AZARA, 1802, p. 17). Observa, ainda, que tinha grandes expectativas em relação aos estudos de Buffon, mas que percebeu

[...] que buena parte de lo que es histórico se componía de noticias vulgares, falsa ó equivocadas: que en lo general no se daba idea exacta de las magnitudes, ni de las proporciones: que se reunian á veces bestias diferentes, embrollándolas: que en ocasiones se multiplicaban las especies: y en fin, que era necesario indicar en mi Obra las equivocaciones que se padecían (AZARA, 1802, p. 17).

Mesmo reconhecendo que não possuía a formação necessária e o conhecimento de História Natural que gostaria de ter, Azara se propõe a retificar o que considerava ser afirmações equivocadas, fazendo uma explícita crítica aos pesquisadores de gabinete:

Como no he leído otra obra que la de Mr. Buffon, me he visto como forzado á preferirle en mis críticas; pero en bien fácil conocer que no son tanto contra él, como contra los Viajeros y Naturalistas, de quienes copió errores que impugno. Aun quando los tuviese propios, no rebaxa esto su mérito: ni debe extrañarse, que no acertase en todo un hombre que escribió con elegancia infinita tantas y tan grandes cosas, y que no tuvo la proporción que yo para examinar algunas (AZARA, 1802, p. 19).

<sup>14</sup> O naturalista Conde de Buffon desenvolveu a teoria de que os animais americanos eram inferiores devido ao clima quente e úmido do continente. Assim, segundo ele: “La naturaleza americana es débil porque el hombre no la ha dominado, y el hombre no la há dominado porque a su vez es frígido en el amor y más semejante a los animales [...]” (BUFFON Apud GERBI, 1993, p. 12).

Apesar da admiração que demonstrava ter por Buffon e de admitir que sua teoria influenciava os estudos que vinha fazendo, Azara afirma que se viu obrigado a criticá-lo, assim como aos naturalistas nos quais o conde francês se baseava. Os equívocos, segundo ele, se deviam, em grande medida, ao fato de que estes “naturalistas de gabinete” recebiam as espécies em bálsamos, após longas viagens pelo Atlântico, o que deteriorava suas características físicas. Já ele, havia tido contato direto com os animais e a oportunidade de examinar não apenas sua aparência, mas também sua alimentação, a maneira como se movimentavam e os ambientes em que viviam. Por isso, se sentia autorizado a dirigir suas críticas a Buffon, que sustentava a ideia de que o clima americano tornava as espécies inferiores,

Parece que Buffon es de parecer, que los climas todo los alteran, y que la magnitud á las bestias, siendo incapaz de producirlas del tamaño que en otras partes. Pero á mi ver en todo se equivoca; pues he encontrado en la Ornithologia del Autor á muchos páxaros que tienen en América las propias formas, magnitud, colores y su distribución que en el resto del mundo (AZARA, 1802, p. 21).

Após observar *in loco* os animais americanos, especialmente, os pássaros, e comparar com as descrições que Buffon havia feito dos animais existentes no restante do mundo, ele chegou à conclusão de que os pássaros americanos eram tão grandes e magníficos, quanto os descritos por Buffon.

Já em *Viajes por la América meridional*, suas críticas se dirigirão às teorias defendidas por Cornelius De Pauw.<sup>15</sup> Apesar de não mencioná-lo nas descrições que faz das populações indígenas, Azara parece ter conhecimento de suas teorias, segundo as quais “El americano no es siquiera un animal inmaduro o un niño crecido: es un degenerado” (GERBI, 1993, p. 67). A contestação que Azara faz desta percepção fica bastante evidente nas descrições que faz dos índios Mbayá, pois ao mencionar suas características físicas, explica: “Como su talla, la belleza, la elegancia de sus formas, así como sus fuerzas, son bastantes superiores a las de los españoles, ellos consideran a la raza europea muy inferior a la suya” (AZARA, 1998, p. 58).

Em suas descrições sobre os nativos americanos, Félix de Azara irá defender que as populações indígenas tinham corpos mais fortes e bonitos do que os europeus e que “sus formas y proporciones me parecen las mejores del mundo” (AZARA, 1998, p. 57), contrariando algumas concepções europeias da época, segundo as quais a evolução das instituições humanas estava relacionada com a histórica geológica, como explica Cazañires-Esguerra. Mesmo distante da Europa, Azara parece ter conseguido fazer uma reflexão

<sup>15</sup> De acordo com Gerbi [1993], Cornelius DePaw se apropriou das ideias do Conde de Buffon e desenvolveu sua teoria a partir delas. Segundo ele, não só os animais americanos eram inferiores aos do resto do mundo, como o clima do continente tornava essas populações americanas degeneradas, que sequer poderiam ser comparadas a uma criança. Segundo Cazañires-Esguerra, “De Pauw concluyó que una inundación había convertido súbitamente un continente que solía tener grandes animales y civilizaciones milenarias en una tierra degenerada, envuelta por miasmas. El frío y la humedad de los miasmas habían mutilado la fauna y los pueblos de América. De Pauw presentó a todos los nativos como insensibles, o carentes de sensibilidad, pero también afeminados” (CAZAÑIRES-ESGUERRA, 2007, p. 90).

crítica acerca das implicações da aplicação das teorias vigentes na segunda metade do século XVIII para a realidade americana. As pesquisas de campo e a consulta aos arquivos platinos parecem também ter tido também grande relevância para os estudos de Azara. Don Gonzalo Doblas, autor da obra *Memoria histórica, geográfica, política y económica sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaranís* [1836], além das catas que trocou com Azara, lhe repassou uma série de informações sobre a região platina e sobre suas populações indígenas. Doblas teria, inclusive, enviado um exemplar de sua obra para que o engenheiro a analisasse, como ressalta González:

Doblas dio término a sus apuntamientos histórico-políticos el 27 de setiembre de 1785, remitiéndoselos a Azara con una breve nota, donde se ponía a sus órdenes por sí fuera menester ampliarlos con noticias de cualquier otra naturaleza y alcances, pues sólo había procurado instruirle ‘de aquellas noticias que conceptuo pueden convenirle, ó redundar en beneficio de estos naturales [...]’ (GONZÁLEZ, 1943, p. 29).

Azara também trocou informações, especialmente, sobre aves, com o naturalista Antonio de Pineda y Ramirez, membro da expedição de Malaspina, que “habría conocido en Buenos Aires los manuscritos de Azara sobre la fauna paraguaya y le habría solicitado una copia para estudiarlos con detenimiento, que prestamente le remitió a Lima donde hacía escala la expedición” (GONZÁLEZ, 1943, p. 79).

Mas para além dos contatos que manteve com “homens de ciência” do período, ele parece ter, também, segundo Gustavo Caponi, inspirado outros pesquisadores, como Charles Darwin, por exemplo, já que um exemplar da obra do engenheiro militar foi localizado na biblioteca do naturalista inglês<sup>16</sup>. Já para Martínez Rica, “la contribución de Azara tiene más valor como anticipo del desarrollo de la ciencia biogeográfica o de la genética, que de la teoría evolutiva” (MARTÍNEZ RICA, 2008, p. 102). Independentemente da relevância dos estudos de Azara para a História Natural, parece-nos evidente que, diferentemente do que ele afirmou em carta ao seu irmão Nicolás, o período em que permaneceu na vasta região que abarcava o então Vice-reinado do Rio da Prata, ao final do século XVIII, foi marcado por uma intensa circulação e troca de informações, de pesquisa *in loco* e de consulta às obras produzidas na América, inclusive, por missionários da Companhia de Jesus, expulsos dos domínios espanhóis em 1767.

### **A obra *Viajes por la America meridional***

*Viajes por la América meridional*, publicada em 1809, é dividida em dois tomos, sendo que o primeiro aborda questões relativas à fauna, à flora e à geografia da região platina. Neste mesmo tomo, encontramos uma breve biografia de Azara, além de uma pequena introdução aos nove capítulos, elaboradas pelo Barão de Walckenauer. No segundo tomo, Azara descreve a sociedade da região, trazendo informações tanto sobre os distintos grupos indígenas, quanto sobre os criollos e os espanhóis que nela viviam. Os dois primeiros

<sup>16</sup> Walckenauer chega a afirmar que Azara “era el creador de un método” para classificar espécies, através de suas características físicas (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 19).

capítulos deste tomo, intitulados *De los indios salvajes* e *Algunas reflexiones generales sobre los indios salvajes*, são dedicados à descrição dos nativos americanos. Há também outros dois que versam sobre como os índios eram tratados pelos conquistadores e pelos jesuítas, que ele intitulou *De los médios empleados por los conquistadores de América para reducir y sujetar a los indios y del modo como se los há gobernado* e *De los médios que sirvieron los jesuítas para reducir y sujetar a los indios y de la manera como estaban gobernados*. Neste tomo, encontramos, também, capítulos sobre *las gentes de color*, *de los españoles* e informações sobre *las ciudades, villas, aldeas y parroquias* do Vice-Reinado do Rio da Prata.

Ao descrever as populações indígenas da região, o engenheiro militar Félix de Azara nos informa sobre suas características físicas, sobre a região em que moravam no momento de seu contato (visto que muitos eram nômades) e sobre suas habitações, alimentação e práticas culturais, dentre as quais, destacam-se as relacionadas ao enterramento e ao luto, ao casamento e às relações familiares, aos ritos de passagem e à organização social. Em relação às práticas culturais e aos ritos de passagem, Azara deu a eles especial destaque, sobretudo, àqueles que eram observados pelas mulheres indígenas, por ocasião da primeira menstruação e do casamento, e, ainda, aos associados à gestação, ao parto e ao aborto.

Como já mencionado, foi devido aos atrasos da comitiva portuguesa<sup>17</sup> que Azara “permaneció obligadamente en Paraguay entre 1784-1796. Fue entonces cuando llevó a cabo los estudios sobre aves y cuadrúpedos que le darían fama como uno de los grandes naturalistas ilustrados de América del Sur” (ASÚA, 2010, p. 31). Para realizar seus estudos, Azara empreendeu diversas viagens ao interior do território, e foi durante uma dessas incursões realizadas em 1784<sup>18</sup> que ele entrou em contato com diversos grupos indígenas:

Veintiséis de los treinta pueblos de las misiones guaraníes y tapes fueron reconocidos por Azara en esta excursión, anotando en su diario interesantes indicaciones acerca de la vida, costumbres de los naturales, estado de los pueblos, desarrollo de la ganadería y agricultura, fuera de las observaciones astronómicas y cálculos de latitud y longitud que efectuó en repetidas ocasiones (GONZÁLEZ, 1943, p. 29).

Azara tratará deles no capítulo *De los indios salvajes*, no qual menciona mais de trinta grupos indígenas, explica seus modos de vida, suas características físicas, práticas culturais e localização. É interessante observar que ele menciona tanto grupos com que havia tido contato direto, quanto aqueles dos quais obteve dados somente através de informantes.

Pero como los que existen en este estado habitan en los bosques más grandes, donde yo no he tenido ocasión de entrar, tomaré mi descripción de los datos y

<sup>17</sup> Como ressalta González, o próprio Azara teria mencionado em algumas cartas a dificuldade de iniciar as demarcações do Tratado (GONZÁLEZ, 1943, p. 26) e teria buscado atividades para ocupar seu tempo. Fernando Camargo, por sua vez, destaca que muitas das dificuldades enfrentadas nas demarcações estão relacionadas à simples falha de comunicação (CAMARGO, 2003, p. 237). Contudo, é possível supor que os atrasos fossem parte da estratégia das Coroas para não perder territórios.

<sup>18</sup> Segundo González, em 12 de agosto de 1784, Azara escreveu uma carta falando sobre a intenção de fazer uma viagem de “reconocimiento de los pueblos misioneros” (GONZÁLEZ, 1943, p. 28).

noticias proporcionados por antiguos manuscritos o personas que han visto a algunos de estos indios, y de lo que yo he podido observar a veces por mí mismo; o también, en fin, de las observaciones que he hecho sobre los convertidos al cristianismo” (AZARA, 1998, p. 33).

Para poder entrar em contato com as populações indígenas, Azara se valeu da ajuda do governador de Candelaria, que além de auxiliá-lo no deslocamento pela região, forneceu informantes para suas pesquisas e auxílio para a coleta de espécies, que, posteriormente, seriam analisadas, como destaca González:

Encontró un eficaz colaborador en la persona de Don Gonzalo de Doblas, a cargo desde el 29 de marzo de 1781, de la tenencia de gobierno del departamento de Candelaria, [...], quien lo acompaño en buena parte de su marcha por los pueblos de su mando, ‘donde no fue inútil por su eficacia, y muchas noticias y auxilios que me facilitó’, según dejó expresa constancia Don Félix (GONZÁLEZ, 1943, p. 29).

Essas incursões pelo interior do Paraguai foram favorecidas pelo clima de relativa paz<sup>19</sup> existente na região nos anos finais do século XVIII, resultantes, em grande medida, das alianças firmadas entre a sociedade hispanocriolla e as populações indígenas, como destaca Raúl Mandrini. Além disso, com a expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis, se estabeleceu uma administração secular nas missões guaranis, a qual, segundo Quarleri,

se mantuvo el sistema de pueblos, con sus cabildos y corregidores, que tanta fuerza había tenido bajo el período jesuita y los atributos de distinción y autoridades de la elite indígena para sobre cada uno de ellos montar un mecanismo de gobierno, supervisión y control directo a partir de la designación de administradores laicos (QUARLERI, 2011, p. 756).

Para manter as defesas no território, foi necessário o estabelecimento de pactos com e entre esses grupos encarregados de auxiliar na proteção das fronteiras até o início do século XIX. Elisa Garcia também chama atenção para o fato de que muitas das medidas borbônicas estiveram direcionadas para os nativos americanos, o que forçou uma aproximação destes grupos com a sociedade colonial. Essa aproximação tinha como objetivo evitar que os índios sob a tutela da Coroa espanhola se aproximassem dos portugueses e fugissem para seu território, visto que Portugal, através de Pombal, havia criado uma série de propostas para atrair essas populações para o Rio Grande do Sul. Dentre as medidas

<sup>19</sup> Os autores Raúl Mandrini [2010] e Elisa Garcia [2011] explicam em seus trabalhos que as populações indígenas residentes no Rio de Prata e a sociedade colonial se aproximaram no final do século XVIII, favorecendo as alianças entre importantes caciques e as autoridades da região. Mais do que isso, Garcia afirma que, em alguns momentos, os administradores dependeram dessas relações para implantar as mudanças previstas nas Reformas Bourbonicas, e que as adversidades surgidas no período anterior não se deviam tanto à resistência indígena, mas às dificuldades dos administradores de compreender a dinâmica destes grupos.

estabelecidas, estava a extinção da diferença entre lusos e índios, expresso no incentivo oferecido àqueles que se

casassem com índias [e que] deveriam receber uma série de privilégios, e os filhos gerados nestes consórcios seriam considerados como naturais do Reino, aptos a ocupar qualquer cargo e a receber todas as honrarias, não sendo passíveis, portanto, de nenhuma restrição pela sua ascendência indígena (GARCIA, 2011, p. 28).

Este período de relativa estabilidade na região acabou favorecendo as viagens realizadas por Azara, que pôde estabelecer contatos com certos grupos indígenas e realizar seus estudos. Mas nem o contato direto com alguns grupos indígenas e a receptividade que contou para realizar suas observações impediram que ele julgasse e considerasse inadequadas moralmente e, até mesmo, bárbaras certas práticas culturais nativas, que serão descritas em sua obra.

### As populações indígenas da região platina no século XVIII

Como já informado, os rituais indígenas atraíram bastante a atenção do engenheiro militar em suas incursões pelo interior da região platina. Em sua obra *Viajes* encontramos descrições dos rituais que se seguiam à morte e aos relativos ao período de luto – durante os quais as mulheres poderiam passar dias chorando a morte de algum familiar –, assim como aqueles associados a práticas xamanísticas de cura. Mas foram os rituais relacionados à sexualidade das indígenas que receberam grande ênfase nos relatos reunidos nos dois capítulos da obra que tratam dos nativos americanos.

Para que possamos melhor compreender as percepções que Azara tem dos nativos e suas implicações para a construção de uma imagem sobre determinados grupos indígenas, consideramos fundamental conhecer estas populações por ele contactadas ou descritas. Em estudo realizado sobre os indígenas Guarani, Bartolomeu Melià assim se referiu a Azara:

Pretensiosamente crítico, aplica apenas a ideologia racionalista da época, cujo resultado será uma visão distorcida e negativa dos índios Guarani. [...] O relativo valor de Azara estará nas notícias mais especificamente etnográficas, fornecidas por terceiros e que o texto conservou, embora diluídas dentro de comentários preconceituosos (MELIÀ, 1987, p. 29).

É necessário, ainda, considerar que quando Azara chegou à América, fazia pouco mais de vinte anos que os jesuítas haviam sido expulsos do território e que as opiniões contrárias à atuação da Companhia de Jesus na América platina estavam ainda muito presentes. De acordo com Melià, com a expulsão da ordem se encerrará um modo de

fazer etnologia, que se materializou na produção de várias obras que versaram sobre as populações nativas da América. Obras com a quais Azara parece ter tido contato<sup>20</sup>, apesar de não deixar isto claro ao longo da obra *Viajes*.

A maior dificuldade que encontramos na obra *Viajes* é, justamente, a de identificar com clareza a quais grupos indígenas Azara estava se referindo, especialmente, nos relatos que faz sobre os Guaraní. De acordo com Guillermo Wilde, os Guaraní foram apenas um dentre os diversos grupos indígenas reunidos nas reduções jesuíticas da Província do Paraguai, desde o início do século XVII até o momento da expulsão da Companhia em 1767. Sabe-se que os missionários, geralmente, optavam por populações de agricultores, por serem mais facilmente adaptáveis à vida nas reduções e

No puede negarse que la misión haya funcionado como un dispositivo eficaz de homogeneización poblacional que, durante un largo periodo, contribuyó a crear una nueva realidad étnica fundada en una organización política, militar, económica y lingüística sui generis. Según lo describen las crónicas, dicha organización se sustentaba en la estructuración pautada de un régimen temporal rutinario y un régimen espacial racionalizado (WILDE, 2011, p. 43).

A manutenção desses grupos dentro das reduções acabou criando uma nova realidade étnica, *el guaraní misionero*,<sup>21</sup> que, segundo Wilde, “fue una categoría de pertenencia surgida del proceso de conversión basada en un “modelo” económico, político y social singular, logrando expandirse a otras regiones” (WILDE, 2011, p. 46). Os índios que viviam nas reduções, apesar das diferenças linguísticas e culturais, foram *convertidos* pelos jesuítas, e passaram a ser considerados como guaranis pelas autoridades coloniais e metropolitanas.

El seguimiento de las fuentes oficiales y no oficiales de la orden indica, muchas veces, versiones divergentes de esa realidad misional, directamente ligadas a niveles de articulación discursiva. Mientras los jesuitas muestran “para afuera” una imagen prístina e idílica del orden misional, exaltando sus elementos del orden, jerarquía y homogeneidad, los mismos miembros de la orden señalan “para adentro” las múltiples complejidades de las formaciones misionales, relacionadas con la necesidad de “administrar” la heterogeneidad y los conflictos de poder que se suscitan entre los indios incorporados (WILDE, 2011, p. 55).

Os relatos da Companhia de Jesus conferiram certa homogeneidade aos grupos indígenas convertidos, o que, posteriormente, foi reproduzido tanto pelos viajantes que

<sup>20</sup> É plausível supor que Azara tenha tido contado com alguma produção jesuítica, já que no Tomo I de *Viajes* há uma menção de que ele teria realizado “la lectura de todas las obras impresas y manuscritas que pudo encontrar en los archivos de la ciudad de Asunción” até ser impedido pelo governador da cidade (WALCKENAUER apud AZARA, 1998, p. 23).

<sup>21</sup> Graciela Chamorro também atenta para o fato de que: “[...] el termino ‘guaraní’ es una especie de ‘identidad atribuida’ por el otro (conquistador’ laico y religioso viajero, profesional en ciencias sociales, etc.) a grupos indígenas que hablaban y hablan idiomas semejantes y compartían y comparten una historia y una cultura similares” (CHAMORRO, 2009, p. 74).

estiveram na região platina – e que tiveram acesso apenas à documentação jesuítica antes de sua expulsão dos territórios americanos –, quanto por autores com posição nitidamente anti-jesuítica. É preciso também considerar que apesar de a documentação jesuítica destacar a efetiva conversão dos neófitos, alguns grupos mantiveram-se distantes das reduções, resistindo às investidas dos missionários, enquanto outros, mesmo se encontrando nas missões, não se adequaram ao regime de trabalho e às regras que regiam a vida em redução. Além disso, a partir de meados do século XVIII,

a dinâmica social da região havia mudado consideravelmente. As cidades mais próximas mais missões tinham crescido e muitos índios haviam aprendido ofícios com os quais poderiam sobreviver nos núcleos urbanos. Sua liberdade jurídica, àquela altura, já estava relativamente consolidada (GARCIA, 2013, p. 85).

Foi sobre estes distintos grupos indígenas – muitos deles remanescentes das reduções jesuíticas – inseridos nesta nova dinâmica social da região platina, que Azara elaborou descrições, manifestou seu estranhamento e teceu comentários perpassados pelo etnocentrismo e pelo moralismo cristão. Este é o caso do ritual observado pelas mulheres indígenas, logo após a primeira menstruação, momento a partir do qual a menina passava a exercer atividades próprias do seu sexo, tais como as ligadas ao preparo de alimentos, à tecelagem e à cestaria.<sup>22</sup> No relato que Azara faz sobre os índios *Guanás*, esta divisão sexual de tarefas e as que deveriam ser desempenhadas pela mulher dentro de um casamento ficam bastante evidentes:

Se trata ordinariamente de saber si la mujer fabricará mantas para el marido; si le ayudará, y de qué manera, a construir la casa y cuidar la tierra; si irá a buscar leña; si preparará todos los alimentos o solo las legumbres; si el marido no tendrá mas que una mujer o si la mujer tendrá varios maridos, y cuántos; y en este último caso, cuántas noches pasarán juntos; en fin, ellas piden explicaciones aun de los menores detalles. Pero a pesar de todo esto el divorcio es libre a los dos sexos, como todos los demás, y las mujeres son muy inteligentes y consideradas (AZARA, 1998, p. 51).

Ao descrever os *Mbayás*, Azara menciona que as meninas ainda virgens não comiam “carne de ninguna clase, ni aun de peces grandes, es decir, de aquellos que tienen un pie o más de largo. Viven, pues, de vegetales y pequeños peces, sin poder decir la razón. (AZARA, 1998, p. 63). A observância de certos interditos e a prática de rituais entre os indígenas, como bem observado por Graciela Chamorro,

<sup>22</sup> Como destaca Melià, “La mujer dentro de la sociedad guaraní es educada desde niña para cumplir funciones específicas que aseguran el buen relacionamiento social, no sólo de ella misma sino de sus padres y parientes con los que serán sus frutos parientes, su futura suegra, su futuro suegro, sus futuros cuñados” (MELIÀ, 1990, p. 90).

dan visibilidad a los cambios de identidad que los individuos experimentan en base a la diferencia sexual y a las transformaciones fisiológicas y/o simbólicas del cuerpo, en diversos momentos de su desarrollo. Los ritos son una especie de medida preventiva o cuidado dispensado al cuerpo individual en estado de crisis dentro del cuerpo social cósmico (CHAMORRO, 2009, p. 105).

Se, entre os *Guarani*, eles visavam à demarcação e à celebração da mudança de identidade ao atingirem determinada idade, entre os *Tobas*, os rituais de iniciação possuíam três estágios diferentes:

la separación del individuo de su estado anterior – en este caso, de la niñez – la del “margen o periodo liminar” de carácter ambiguo – no se conservan los atributos del estado anterior ni poseen todavía los del estado venidero – y la de “agregación” – cuando el iniciado/a obtiene un “nuevo estado” en la estructura social, adquiriendo derechos y obligaciones del adulto (CITRO, 2008, p. 29).

É interessante observar que entre os grupos descritos por Azara, o ritual realizado por ocasião da menarca implicava em escarificações e em pinturas faciais, que marcavam a pele da menina por toda sua vida. Apesar de mencionar os cortes que eram realizados na pele e a inserção dos pigmentos de cor, Azara não refere o sofrimento ou a dor que essas meninas sentiam durante o ritual. Se, por um lado, a ausência de quaisquer referências a isto parece mostrar que as meninas resistiam estoicamente às etapas do ritual, por outro, parece mostrar certa superioridade das indígenas sobre as europeias em relação à dor. Azara, contudo, parece não ter conseguido compreender o significado deste ritual de passagem – não só o experimentado pelas meninas, como também aquele a que os meninos se submetiam – para a manutenção da saúde e a organização social indígena.

Ao descrever os indígenas *Charruas*, Félix de Azara mencionará a importância que os ritos de passagem por ocasião da menarca tinham para este grupo, destacando que, diferentemente de outros, as mulheres não utilizavam adornos, nem *alhajas* e os homens não realizavam nenhum tipo de pintura corporal. Mas relata uma espécie de ritual em que no

día de la primera menstruación de las muchachas se les pintan en la cara tres rayas azules, que caen verticalmente sobre la frente, desde el nacimiento del pelo hasta el extremo de la nariz, siguiendo la línea media, y se les trazan otras dos que cruzan las mejillas. Se señalan estas rayas picando la piel, y por consecuencia son indelebles; son signo característico del sexo femenino (AZARA, 1998, p. 11).

As menções aos rituais que demarcavam a passagem da infância para a idade adulta se farão também presentes nas descrições que o engenheiro espanhol fará sobre os *Minuanos*. Segundo Azara, eles realizavam um ritual muito parecido com o dos *Charruas*.

Apesar de não haver menções na obra, é possível inferir que elas significassem que a menina havia atingido a maturidade sexual e dentro de algum tempo poderia começar a manter relações sexuais.<sup>23</sup> De acordo com ele, “La menstruación de estas mujeres, así como la de todas las indias, es menos considerable que la de las españolas” (AZARA, 1998, p. 11). Não se sabe ao certo o que fez com que ele acreditasse que as indígenas menstruassem menos que as espanholas, mas é plausível supor que ele, assim como os demais indígenas, não tenha tido contato com as mulheres durante seu período menstrual, impossibilitando-o, portanto, de acompanhá-las ou observá-las durante o período de reclusão.

Azara também faz referência à escassa menstruação entre as mulheres Guarani, afirmando que “Las mujeres tienen mucho cuello, manos y senos pequeños y poca menstruación” (AZARA, 1998, p. 34) [grifos meus]. Nos relatos sobre os *Guanás*, mantém-se o interesse de Azara em questões relacionadas à sexualidade e à reprodução:

en que no se descubre la expresion de pasion ninguna, por lo flemático de su manera de obrar, por su color, la fuerza de su vista y de su oído y la blancura y duración de los dientes; por sus cabellos negros, gruesos y largos; por la naturaleza del pelo y la falta de barba; por la pequeñez del pie y de la mano y los gruesos que son el seno y las nalgas; por las pequeñas proporciones de las partes sexuales de los hombres, bien diferentes de las mujeres en este respecto, y por la escasa menstruación de estas últimas; por su tono de voz, que es siempre bajo y nunca fuerte y sonoro (AZARA, 1998, p. 50).

Azara acrescenta, também, informações sobre os rituais de iniciação praticados pelos meninos *Guanás*:

Cuando estos niños llegan a la edad de ocho años próximamente celebran una fiesta muy singular: se van por la mañana muy temprano al campo y regresan de noche a su habitación, en ayunas, en procesión y en el mayor silencio; se tiene preparado con que calentarles bien las espaldas; en seguida algunas viejas les pinchan y atraviesan los brazos con un hueso puntiagudo. Estos niños sufren tamaña crueldad sin llorar ni dar la menor muestra de sensibilidad. Esto hecho, sus madres terminan la escena dándoles maíz y judías cocidos en agua (AZARA, 1998, p. 54).

Entre as *Payaguás*, segundo Félix de Azara, o ritual parecia ser um acontecimento que interessava e envolvia toda a comunidade e, diferentemente do que observamos nos relatos que fez sobre outros grupos, em relação a este, o engenheiro espanhol dá a entender que seriam realizados de forma privada.

<sup>23</sup> De acordo com Citro, entre os Tobas, a partir da menarca, “la joven estaba capacitada para “elegir novio” y, en consecuencia, procrear. Además de estos derechos, adquiría determinadas obligaciones. Una de ellas era respetar las prescripciones para sus futuras menstruaciones y periodos de embarazo y posparto; otra, desempeñar las tareas del ámbito doméstico, lo cual era destacado en el ritual en la fase de aislamiento, pues la joven debía empezar con “algún trabajo, algún tejido” (CITRO, 2005, p. 49).

Cuando las jóvenes llegan a la época de su primera menstruación dan parte de este acontecimiento a todo el mundo y se aplican la pintura característica de la adolescencia de su sexo. Estas pinturas se reducen a una banda o raya que parte del nacimiento del pelo y se prolonga en línea recta sobre la nariz hasta el extremo de la barbilla, pero exceptuando el labio superior. Además, se ven salir de la raíz de sus cabellos siete o nueve líneas verticales que cortan la frente y el párpado superior. En cada comisura de la boca se pintan dos cadenas paralelas a la mandíbula inferior, terminadas a los dos tercios de la distancia de la oreja. Aun se pintan dos eslabones, que salen de cada ángulo exterior del ojo y terminan en la parte superior de la mejilla (AZARA, 1998, p. 68 ).

De acordo com Azara, as pinturas corporais das *Payaguás* eram mais complexas, com mais detalhes e traços do que as feitas nos corpos de indígenas de outros grupos, contemplando praticamente todo o rosto da menina. Outro fator interessante são as cores utilizadas, pois diferentemente das *Charruas* que utilizavam o azul para determinar o início da vida adulta, as *Payaguás* se valiam de cores como o violeta e o vermelho.

Todas estas pinturas que emplean las mujeres no son superficiales, como las de los hombres, sino permanentes y de color violeta, porque se pican la piel para que el color penetre interiormente. Algunas de estas mujeres, más coquetas que las otras, se pintan de rojo la cara, el seno y los muslos, se trazan una cadena parda de grandes anillos en los brazos, desde el puño hasta el hombro; pero estas pinturas no están impresas en la piel y las que son rojas no presentan ningún dibujo (AZARA, 1998, p. 69).

Azara chegou a observar que em alguns grupos indígenas, as meninas mais *vaidosas* pintavam outras partes de seus corpos de vermelho, mas, infelizmente, a forma como eram feitos os pequenos cortes feitos na pele para que a cor se fixasse, numa espécie de tatuagem, não é descrita em nenhum dos registros presentes na obra que analisamos. Esta ausência de detalhes parece sugerir, mais uma vez, que Azara não presenciou estes rituais, registrando-os com a ajuda de informações obtidas entre integrantes do grupo indígena, ou que, simplesmente, deduziu que tratava-se de prática corrente ao ver as meninas já com as faces pintadas.

Nos relatos que fez sobre as uniões entre homens e mulheres indígenas, Azara parece ter se aproximado muito mais da mentalidade europeia. Ele parece ter buscado encontrar nestas uniões, não apenas o envolvimento romântico, mas também a observância da monogamia. Nas descrições que fez dos rituais que envolviam as uniões entre homens e mulheres, é possível perceber a *culpabilização* da mulher indígena, por sua sexualidade aflorada, por não guardarem sua pureza e por manterem relações antes do casamento. Da mesma maneira, a autonomia que as mulheres tinham para escolher seus parceiros e de definir as tarefas que lhe caberiam no relacionamento, a poligamia e o divórcio foram veementemente por ele condenados. Assim como condenou as indígenas Mbayás por serem *las más incitantes* e, também, por terem maridos pouco zelosos, qualificou as mulheres *Guanás* como *muy inteligentes y consideradas*.

Os cuidados que as indígenas tomavam durante a gestação e por ocasião dos partos surpreenderam Félix de Azara, por serem práticas diferentes das que as europeias adotavam, embora também se assemelhassem em alguns aspectos. O engenheiro dedicou sua atenção, também, às formas de controle da natalidade, tais como o aborto e o infanticídio. Os relatos sobre a gestação e os partos sugerem a facilidade com que as mulheres indígenas davam à luz, sem consequências *enojosas* e sem precisar se privar das atividades diárias por conta da gestação ou do parto. Registrou, também, o costume das mulheres *Payaguás* de banharem-se logo após o parto, assim como aos seus recém nascidos.

Acreditamos que o engenheiro espanhol tenha dado tanta atenção à gestação e aos partos após ter constatado os baixos índices de crescimento das populações indígenas nas últimas décadas do século XVIII. Para Azara, a baixa natalidade se devia tanto à escassa menstruação e à baixa fecundidade das indígenas, quanto à prática do aborto, como se constata nesta passagem: “Admiro también la altura de su talla, la amplitud y elegancia de sus formas y proporciones, que no tienen igual en el mundo, y al mismo tiempo no dudo de su escasa fecundidad” (AZARA, 1998, p. 95). O engenheiro espanhol não deixará de manifestar sua surpresa, após ter acessado cadastros antigos, ao constatar que os Guarani tinham menos filhos que os europeus:<sup>24</sup>

Me he convencido examinando una gran cantidad de listas o catastros antiguos y modernos de los pueblos guaraníes, y he notado que la suma total de cada sexo arrojaba más mujeres que hombres, en la relación de 14 a 13. Aunque yo no he podido obtener semejantes listas para otras naciones salvajes, he tomado, sin embargo, informaciones, y yo he observado que entre las que no destruyen a sus hijos ninguna mujer ha tenido diez, y en general no son tan fecundas como las españolas; lo que prueba también la disminución en todas las naciones indias, excepto los guaraníes (AZARA, 1998, p. 95).

Referindo-se aos *Lenguas*, Azara chegou a afirmar que “a la verdad”, o grupo “está a punto de expirar” (AZARA, 1998, p. 79) e completa

La destrucción de esta nación procede igualmente de que todas las mujeres han adoptado la costumbre de matar a sus hijos haciéndose abortar, a excepción del último, de la misma manera que los mbayás. Las mujeres de los lenguas se abstienen igualmente de carne y de su enfermedad periódica, así como tres días después de dar a luz. Durante el parto no las asiste nadie, y a continuación de él no dejan de hacer sus trabajos ordinarios (AZARA, 1998, p. 81).

<sup>24</sup> Ao longo de sua obra, Azara menciona diversas vezes ter realizado pesquisas e coletado informações em catálogos e censos demográficos. Entretanto, não deixa claro que catálogos são esses ou onde teve acesso a eles. Acreditamos que possam ter sido catálogos elaborados pela Companhia de Jesus antes de sua expulsão da América, pois nesse relato ele menciona: “de manera que en las cartas del Chaco levantadas por los jesuitas apenas hay espacio para escribir el nombre de un numero tan considerable de naciones” (AZARA, 1998, p. 47-48).

Em relação a este grupo indígena, especificamente, as mulheres costumavam praticar o aborto por que as gestações debilitavam seus corpos e os bebês dificultavam o seu modo de vida nômade. Azara não somente percebeu estas explicações como indicativo de barbárie, como desconsiderou outras razões para a baixa densidade populacional de certos grupos indígenas, tais como os conflitos bélicos e as enfermidades.

Também os *Guaicurús*, segundo Azara, estavam se extinguindo, em virtude dos abortos praticados pelas indígenas:

El deplorable exterminio de esta valiente y soberbia nación no procede sólo de la guerra continua que no ha dejado de hacer a los españoles y a los indios de todas clases, sino también la costumbre bárbara adoptada por sus mujeres, que se hacían abortar y sólo conservaban a su último hijo. Se debe también presumir que es entre los guaicurús donde este uso inaudito ha tenido su origen antes que ninguna nación lo conociera; esto es, al menos, lo que hace pensar su destrucción total, y lo que hay de seguro es que esta costumbre le era desconocida en otro tiempo (AZARA, 1998, p. 78).

Nas populações em que as mulheres não cometiam infanticídio – prática que, segundo Azara, era bastante comum em alguns grupos – não havia motivos para a baixa natalidade, exceto a baixa fecundidade das mulheres indígenas. E completa: “No podré atribuir al clima la escasa fecundidad de las indias cuando veo que en el mismo país las españolas son más fecundas que ellas y tanto, al menos, como en Europa” (AZARA, 1998, p. 95).

Ainda em relação ao infanticídio, Azara propôs que as mulheres o praticavam para não perder sua posição dentro dos grupos, contudo, não deixa de mencionar que espanhóis e *criollos*, cientes desta prática, se ofereciam para ficar com as crianças indígenas, o que parece sugerir que tanto a prática do aborto, quanto a do infanticídio tenha aumentado significativamente após a intensificação do contato com a sociedade *hispano-criolla*:

Ha ocurrido con frecuencia que los españoles ofrecieran a las mujeres encinta dinero, alhajas, etc., para que les entregaran los niños, o al menos que no los mataran; pero nunca han consentido y, por el contrario, siempre han tomado el mayor número posible de precauciones necesarias para realizar su propósito lo más secretamente posible y sin obstáculo. (AZARA, 1998, p. 51).

Para Azara, práticas como o infanticídio e aborto ocorriam porque as indígenas “se prostituyen [referindo-se às indígenas *Mbayás*] fácilmente; pero lo que hay de más singular es que hayan adoptado la costumbre, bárbara y casi increíble, de no criar ninguna mas que un hijo o hija y matar a todos los demás” (AZARA, 1998, p. 62). Nesta passagem em que Azara se refere aos *Guaicurús*, ele parece sugerir que tanto os abortos, quanto a prática do infanticídio não eram comuns ao grupo antes da intensificação do contato com a sociedade colonial:

Para formarse una idea del efecto destructor de esta execrable costumbre basta pensar que el producto de ocho casamientos sólo será de ocho hijos. Según da reglas de probabilidades de duración de la especie humana, sólo cuatro llegarán a los ocho años y de estos cuatro sólo dos pasarán de los treinta. ¿Qué pasará cuando no se críe más que un solo hijo, que formará la segunda generación? Siendo la primera de ocho, resulta que disminuyen las generaciones en progresión geométrica, que es en razón de ocho a uno. Resulta pues, que las naciones que siguen este uso desaparecerán pronto de la superficie terrestre. ¡ Qué lástima ver exterminarse así, por sí mismas, las naciones de la mayor talla, las más fuertes, mejor proporcionadas y más bellas que haya en el mundo! Lo más doloroso es que no veo posibilidad de poner remedio (AZARA, 1998, p. 78).

Mas, se, por um lado, Azara encontrou nos abortos praticado pelas nativas a justificativa para o decréscimo populacional de alguns grupos indígenas, por outro, Azara não conseguiu encontrar, satisfatoriamente, as explicações para o crescimento demográfico [e a expansão pelo território da América platina] de outros grupos:

Yo no puedo comprender tampoco cómo la nación guaraní, siendo agrícola y por consecuencia poco viajera, se extendió de un modo tan enorme y en tan gran número [...] Pensar que los guaraníes son más fecundos sería un error, porque no tienen seguramente en esto ninguna ventaja sobre los otros; yo creería más bien lo contrario, y los jesuitas tenían la misma idea porque en sus poblados de guaraníes tocaban a media noche una gran campana para despertar a los indios y excitarlos a la procreación; esto es, al menos, lo que asegura todo el mundo (AZARA, 1998, p. 93).

Para Azara, acreditar que os Guarani eram mais férteis e, por esse motivo, teriam conseguido se espalhar por tantas regiões e aumentar tanto sua população, seria um grande erro, já que, segundo informações que havia recebido, os próprios jesuítas haviam adotado a prática de incitar os Guarani à procriação e, assim, assegurar a estabilidade populacional das reduções. Por outro lado, deve-se considerar o fato de os Guarani – assim como outros grupos indígenas – terem se deixado reduzir e de terem assegurado a manutenção de muitas de suas práticas culturais tradicionais nestes espaços administrados pelos jesuítas contribuiu para que sua taxa de natalidade fosse alta e que o grupo crescesse, na comparação com outras nações indígenas.

## Considerações finais

Neste artigo, apresentamos os motivos que levaram Félix de Azara a escrever *Viajes por América Meridional*, assim como suas demais obras, levando em consideração sua formação acadêmica em Engenharia militar, na Espanha. Como mencionado, seu envio

à América se deu, justamente, pelo conhecimento que tinha de matemática e cartografia, tendo sido enviado à região do Rio da Prata para realizar demarcações do Tratado de Santo Ildefonso. Ao longo dessas quase duas décadas em território americano, aguardando orientações que lhe permitissem finalizar as demarcações do Tratado, Azara não apenas se apropriou do conhecimento científico do período – tanto daquele já consolidado na Europa, quanto do que vinha sendo produzido na América –, para descrever as populações indígenas das regiões que percorreu.

O convívio com algumas das populações nativas americanas parece ter, em alguns momentos, levado Azara a refletir de maneira crítica sobre algumas das teorias vigentes sobre a natureza do Novo Mundo ao final do século XVIII, especialmente, as que haviam sido divulgadas por Buffon e De Paw. O mesmo, contudo, não poder ser dito quando analisamos as descrições que fez de algumas práticas adotadas pelas mulheres indígenas, pois se, em alguns momentos, Azara fez raras e vagas apreciações positivas sobre as práticas femininas, em outros, recriminou-as, associando-as à barbárie, responsabilizando as nativas pelo descenso demográfico em certos grupos.

O discurso médico vigente no Setecentos e o discurso moral da Igreja parecem ter se manifestado de maneira muito intensa nas descrições – e recriminações – que Azara fez da liberdade sexual, da poligamia, do aborto, do infanticídio, da inexistência do amor romântico e do amor dos pais pelos filhos. A inteligência de algumas indígenas, a resistência à dor e ao sofrimento de outras, além da receptividade – própria de boas anfitriãs – de certas mulheres nativas parecem compensar, em alguns raros momentos, o etnocentrismo e o moralismo próprio da mentalidade cristã-ocidental.

Se, por um lado, pode-se afirmar que os estudos que Azara realizou sobre os pássaros e os quadrúpedes da América meridional exerceram influência sobre outros estudiosos, como apontado por alguns de seus biógrafos, por outro, não se pode desconhecer ou minimizar a influência exercida pelos discursos médico e religioso nas descrições moralistas e condenatórias que fez das populações indígenas que conheceu ou daquelas a que teve acesso somente através de informantes ou registros documentais. Algumas de suas avaliações, bastante enfáticas e generalizantes – expressas com base em suas observações ou nestes testemunhos – devem ser, por isso, relativizadas e questionadas por aqueles que se dedicam ao estudo das populações indígenas da América platina.

## Referências Bibliográficas

- ASÚA, Miguel de. *Una gloria silenciosa: dos siglos de ciencia en la Argentina*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2010.
- AZARA, Felix de. *Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paraguay y del Río de la Plata*, Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, 1802.
- AZARA, Felix de. *Viajes por la América Meridional*. T.II, Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1998.
- CAMARGO, Fernando. A Pendenga Interminável: As demarcações do Tratado de Santo Ildefonso. *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. Anais da XXIII Reunião. Curitiba, 2003, p. 235-240.
- CAPONI, Gustavo. *Félix de Azara, crítico de Buffon*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 123-139, jan.- abr. 2011.
- CAZAÑIRES ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo: historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- CHAMORRO, Gacriela. *Decir el cuerpo: Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní*. Assunción: Tiempo de Historia, Fondec, 2009.
- CITRO, Silvia. Las prácticas musicales entre los jóvenes toba del Chaco argentino, *Latin American Music Review* 26 (2): 318-346, 2005.
- CITRO, Silvia. *Creando una mujer: ritual de iniciación femenina y matriz simbólica de géneros entre los tobastakshik*. In: HIRSCH, Silvia. *Mujeres indígenas en la Argentina: cuerpo, trabajo y poder*. Buenos Aires: Biblos, 2008, p. 27-58.
- FÁBIAN FIGUEROA, Marcelo. En los márgenes del Imperio español y de la Historia Natural: Felix de Azara colector (1787-1789). Rosário: *Prohistoria [online]*, vol. 15, 2011.
- GARCIA, Elisa Frühau. *Os índios e as reformas borbônicas: entre o “despotismo” e o consenso*. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. *História da América: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 55-81.
- GARCIA, Elisa F. Dimensões da liberdade indígena: missões do Paraguai, séculos XVII-XVIII. *Revista Tempo*, Vol. 19, n. 35, 2013. Dossiê Missões na América Ibérica: Dimensões

políticas e religiosas.

GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: historia de una polémica. 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GONZÁLEZ, Julio. “Mitre y Azara”. In: AZARA, Félix de. *Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata*. Buenos Aires: Bajel, 1943, p. ix-xiv.

MANDRINI, Raúl José. *La frontera rioplatense en el siglo XVIII*. In: BERNABÉU ALBERT, Salvador (coord.). *Poblar la inmensidad: sociedades, conflictividad y representación en los márgenes del Imperio Hispánico (siglos XV-XIX)*. Ediciones Rubeo, 2010, p.435-464.

MARTÍNEZ RICA, Juan Pablo. Las raíces de las ideas biológicas de Félix de Azara. *Rev. Real Academia de Ciências*. Zaragoza. 63: 101–164, 2008.

MELIÀ, Bartolomeu; SAUL, Marcos Vinícius de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Fundação Missioneira do Ensino Superior, 1987.

OLIVEIRA, Flávia Preto G. *Entre o fabuloso e o verossímil: crônicas e epistemologia no processo de cognição da América*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, SP, 2010.

PAREDES, Rogelio C. Relatos imperiais: a literatura de viagem entre a política e a ciência na Espanha, França e Inglaterra (1680-1780). *Almanack*. Guarulhos, n.06, p.95-109, 2º semestre de 2013.

QUARLERI, Lía. Expediciones, narrativas y utopías: nuevas miradas sobre el “espacio guaraní-misionero” hacia fines del siglo XVIII. Londrina: *Antíteses*, v. 4, n. 8, p. 753-782, jul./dez. 2011.

TERÁZ, Oscar. *La Ilustración en el Río de la Plata*. In: *Historia de la ideas en la Argentina. Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

TORRES, Simei Maria de Souza. Dominios y fronteras en la Amazonía colonial. El tratado de San Ildefonso (1777-1790). *Fronteras de la Historia*, nº 8, 2003, pp. 185-216.

WILDE, Guillermo. *Ficciones étnicas misionales: Entre el discurso oficial y la prácticas locales de identificación en las fronteras ibéricas de Sudamérica*. In: CHAMORRO, Graciela. Et all. *Fronteiras e Identidades. Encontros e desencontros entre Povos Indígenas e Missões Religiosas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2011, p. 41-60.